
O Processo Produtivo da Reportagem Multimídia Campeiras¹

Deise Vanessa AGNOLETTO²

Ana Paula BOURSCHEID³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Atos machistas sempre fizeram parte da sociedade e ainda estão presentes no mundo, no Brasil e também dentro do tradicionalismo gaúcho. Em entidades gaúchas, mais precisamente no 35 CTG, o primeiro e mais antigo do Rio Grande do Sul, somente em 2011 ocorreu a nomeação da primeira mulher como patroa da entidade. Por quase 64 anos, o CTG havia sido liderado apenas por homens. A partir deste cenário, a reportagem multimídia Campeiras, produzida como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Unochapecó em 2020, objetiva retratar em formato multimídia a participação de personagens femininas, da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país, em atividades esportivas do campeirismo gaúcho. Neste artigo, descreve-se o processo produtivo da reportagem e a experiência da produção.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; reportagem multimídia; mulheres; campeirismo gaúcho; tiro de laço.

INTRODUÇÃO

Amor pela tradição gaúcha, curiosidade em saber como foi a evolução e como as mulheres alcançaram espaço dentro de uma cultura que, aparentemente, não era vista como machista pela sociedade, mas que excluía o gênero feminino de atividades, em maioria nas práticas campeiras. Essas, dentre outras questões, foram a motivação para realizar uma pesquisa aplicada sobre personalidades femininas que hoje estão inseridas nesse meio cultural, sendo essas personagens da região Sul, região Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Apesar do cenário não ser favorável ao gênero feminino, desde o início do movimento tradicionalista, mulheres têm tomado iniciativas e lutado para acabar com barreiras impostas. Anita Garibaldi é um exemplo revolucionário, mesmo que sempre ao lado do marido, Giuseppe Garibaldi, ela foi um estímulo dentro da Revolução Farroupilha e mostrou a tamanha importância e força que as mulheres possuem. Conforme Manica (2012), Anita tornou-se mulher de personalidade histórica, onde em seus breves anos de vida, se destacou

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, e-mail: deise.agnoletto@gmail.com.

³ Professora orientadora. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS), e-mail: bourscheidana@gmail.com.

pela coragem e audácia, pelo seu envolvimento e sua luta em Revoluções, pelo atrevimento de enfrentar um mundo desconhecido com Garibaldi - o que a fazia diferente de muitas mulheres de seu contexto. Outro caso, audaz e mais recente, está no CTG⁴ Rodeio Serrano, de São Francisco de Paula, na serra gaúcha. De acordo com reportagem (ANDRADE, 2017), a entidade estava com os dias contados, sem patronagem e probabilidades de alguém assumir o cargo, até Neusa dos Reis reunir todas as mulheres que participavam desse CTG e propor a constituição de uma chapa somente com prendas. As mulheres enfrentaram a contraposição de homens e tornaram real a patronagem, na qual, cerca de 30 mulheres ficaram à frente do CTG Rodeio Serrano.

Com intuito de desmistificar o ambiente tradicionalista e incentivar a luta das mulheres pelo seu espaço, seja ele onde for, essa produção multimídia baseou-se em acontecimentos passados e do presente para definir o **objetivo geral** deste trabalho, a produção de uma reportagem multimídia, com abordagem direcionada à inserção da figura feminina em competições do campeonismo gaúcho na região Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país. Para tanto, os **objetivos específicos** consistem em: a) verificar como se deu o início do movimento e descrever as atividades pertencentes aos rodeios crioulos; b) mapear e entrevistar personagens femininas praticantes de um dos esportes campeiros, o tiro de laço, que é o foco da produção; c) investigar como está estruturado o cenário para as mulheres que fazem parte desse espaço; d) entender e retratar como as personagens se inseriram nesse ambiente e; e) desfazer o mito da prática, que ainda é vista como praxe da figura masculina.

A TRADIÇÃO E O CAMPEIRISMO GAÚCHO

O movimento cultural-tradicionalista ganhou forças no Colégio Estadual Júlio de Castilhos⁵, em Porto Alegre. De acordo com Paixão Côrtes (2001), dentro do “Julinho” foi criado o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG), junto ao Grêmio Estudantil do educandário. E em agosto de 1947, na capital gaúcha, foi concretizado o início de “um movimento ginásiano do proselitismo de todas as camadas sociais, de todos os segmentos étnicos, em favor das tradições.” (CÔRTEZ, 2001, p.8).

⁴ CTG é a sigla designada ao termo Centro de Tradições Gaúchas. Esta é uma entidade sem fins lucrativos que visa divulgar a cultura gaúcha, promovendo integração entre participantes por meio de eventos, com dança, churrasco e outras atividades campeiras.

⁵ Fundado em 1899 na capital gaúcha, o Júlio de Castilhos era um colégio renomado e conforme Paixão Côrtes (2001, p.8), “desfrutava de alto conceito na área de ensino e respeitabilidade educacional riograndense”.

Côrtes (2001) expõe que a origem dos precursores desse Movimento foi uma só: o campo. A juventude queria fixar as raízes riograndenses, valorizá-las e cultuar costumes brasileiros, sem estrangeirismo, que segundo Côrtes, era o que estava em ascensão no Brasil. Portanto, as ações que estimularam a tradição gaúcha foram baseadas na vida interiorana, de jovens que tinham “convivência pastoril” e eram ligados a famílias rurais.

O campeirismo e a tradição gaúcha nasceram na tentativa de valorização do homem gaúcho, na construção de uma identidade e na busca de valores morais. Silva (2008) aponta que, Paixão Côrtes, Barbosa Lessa e os demais idealizadores⁶ do movimento “criaram a tradição gaúcha”:

A construção de uma identidade para o Rio Grande do Sul foi referenciada através de figuras típicas que apresentam a relação com o meio rural, com o pampa, com o apego a terra e com os diversos atributos que dizem respeito à indumentária, aos hábitos alimentares, a dança, a música. Todos esses fatores estão misturados entre si, sem esquecermos que, principalmente, valoriza e resgata o mito dos “heróis” Farroupilhas, na demonstração de homens guerreiros que fizeram história. (SILVA, 2008, p.14).

As atividades conhecidas como “campeiras” começaram a se destacar no fim do século XIX e início do século XX, quando conforme Dutra (2002), o termo “gaúcho” passou a significar homem das lidas campeiras e do trabalho pastoril nas estâncias. No entanto, o campeirismo ficou ainda mais forte com o surgimento do 35 CTG, em abril de 1948. Junto ao Centro de Tradições, nasceram diversas atividades que constavam no “Programa Ação” do DTG sob direção de Paixão Côrtes. Dentre elas estavam: a realização de bailes gauchescos, com concurso de danças; concursos literários de prosa e verso; Ronda Gaúcha - assembleia; provas campeiras - concurso de laço e boleadeira; palestras culturais por intelectuais gaúchos; etc. Essas atividades podem ser encontradas em algumas das grandes festividades da cultura gaúcha, que são delineadas por Celso Konflanz (2013).

Para que todas as atividades e eventos dentro da cultura gaúcha fossem reconhecidos e regulamentados, em 1966 foi decidido fundar uma associação para reunir as entidades tradicionalistas já existentes. Então, em novembro de 1967 foi criado e inscrito no Cartório de Títulos e Documentos de Porto Alegre, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Silva (2008), caracteriza o MTG como muito importante para o processo de produção da identidade

⁶ Antônio João de Sá Siqueira, Ciro Dias da Costa, Fernando Machado Vieira, Orlando Jorge Degrazia, Cilso Araújo Campos, Cyro Dutra Ferreira e João Machado Vieira, além de ajudarem na idealização da cultura, estes faziam parte do Grupo dos Oito, junto com Paixão Côrtes. Famoso grupo que criou o DTG e o primeiro piquete, o “Piquete da Tradição”.

cultural gaúcha, porque foi por meio dele que teve a construção e divulgação da tradição, além do destaque que obteve entre tantos outros movimentos e culturas. A autora também ressalta o que o MTG mais prezou nessa caminhada:

[...] acima de tudo buscou dar continuidade no que diz respeito aos aspectos cotidianos da vida do homem campeiro, do homem rural, do peão e para que se concretizasse a representação da cultura gaúcha, a música tem sido um fato importantíssimo, um ponto de partida para a disseminação da tradição. (SILVA, 2008, p.18).

Determinadas pelo MTG, as práticas tradicionais campeiras e corriqueiras de rodeios crioulos são: o tiro de laço, a gineteadas, a prova de rédeas, a prova do chasque e a vaca parada. A principal regra delas é a divisão, que pode se dar por: modalidades/gêneros, categorias, idades, tamanho de armada e número de rodilhas. Considerados como movimentos espontâneos, o professor e doutor em Educação, Guilherme Howes Neto (2020), comenta que todas as atividades hoje pertencentes ao MTG, começaram fora dele. O professor conta que no tiro de laço não foi diferente, ele teve início despretensioso no município de Esmeralda, nordeste gaúcho, há quase 70 anos e, conforme o vice-presidente da Diretoria Campeira do MTG/RS, Adriano Pacheco (2020), a atividade começou com intuito de melhorar a pontaria dos peões de estância no momento de laçar o gado para marcação.

Entretanto, somente após a criação do MTG, o esporte veio a ter todas as normas e exigências que há nos dias de hoje, para que houvesse padronização de armada, da distância percorrida na cancha, entre outras regras presentes no tiro de laço. Ademais, inicialmente, a atividade contava com a participação apenas de homens e Pacheco enfatiza a ausência feminina, e classifica que o início do esporte foi marcado como “um clube do bolinha”.

Contudo, a entidade do MTG mostrou sua preocupação e consideração perante as mulheres no tiro de laço. Em cima do que valia aos peões, adequaram para as prendas - o tamanho da armada passou a ser menor à elas, sendo oito metros aos homens e seis às mulheres e a exigência sobre as rodilhas, na qual para o gênero feminino é livre e para o masculino é requerido quatro rodilhas de 25 cm.

A REPORTAGEM JORNALÍSTICA

A reportagem não é algo tão antigo, ela demorou um bom tempo até ser formulada e incluída na imprensa e dentro do jornalismo. Conforme Lage (2001), ela não existia ou era

considerada irrelevante em 200 dos quase 400 anos de história da imprensa. Ela surgiu quando escritores e jornalistas reformaram a modalidade escrita da língua, daí foi descoberto a importância dos títulos, que de acordo com Lage (2001), começaram a ser vistos como “anúncios do texto”. O autor relata que as notícias em primeira mão, chamadas de furos, também tiveram acentuado destaque.

“Reportagem é o nome que se dá a matérias jornalísticas mais longas [...]. Seu conteúdo (um fato do dia que tenha causado grande impacto [...], ou ainda relacionado a editoria de Cultura, Política, Saúde, Educação, etc.) [...]” (GUIRADO, 2004, p.22). Segundo Guirado (2004), fazer reportagem é trazer um fato que há de ser investigado, pesquisado até o desenrolar da questão ou seu esgotamento.

Assim como qualquer notícia comum do cotidiano, a reportagem precisa responder a seis perguntas denominadas como “clássicas” por Erbolato (1991): Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? Essa é a base de uma informação, para que seja transmitida com clareza ao leitor. No entanto, Guirado (2004) frisa a complexidade que há dentro de uma reportagem, afirma que ela é dos tipos de texto mais exigentes no dia a dia do jornalismo e vai além de responder tais questões.

Conforme Lage (2001), a reportagem é norteada por um procedimento tradicional usado para a apuração de informações no jornalismo, a entrevista. Vista como uma expansão da consulta às fontes, a entrevista tem como objetivo coletar interpretações e reconstruir fatos. O autor retrata também que, por meio de entrevistas, a informação jornalística é redigida da forma mais próxima da realidade. Se o jornalista seguir uma maneira de produção na qual, por meio de fontes os dados sejam obtidos, poderia haver uma conclusão sensata do acontecimento. “Os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade.” (LAGE, 2001, p.18). E nos casos controversos, deveria ser ouvido porta-vozes de diferentes interesses em jogo.

De acordo com Erbolato (1991), a reportagem, em especial aquela que aborda questões em profundidade, exige antecedentes e humanização em seu texto. Os antecedentes servem para agregar, trazendo informações complementares à reportagem, sem superficialismo. “[...] Em geral, os antecedentes se limitam ao fato principal e não constituem esforço para encaixar as notícias do momento em um quadro maior de fatos.” (ERBOLATO, 1991, p.39). A humanização é escrever a informação com sutileza e sensibilidade, de maneira

com que o leitor a sinta. “[...] Não é escrever para o leitor, mas redigir de tal forma que a notícia tenha um sentido para ele [...]” (ERBOLATO, 1991, p.39).

Por fim, Alciane Baccin (2016) delinea uma definição simples e resumida de todos os conceitos já apresentados. A autora aponta a reportagem como “a modalidade jornalística mais completa, além de ser a que pode reunir características de vários gêneros (informativo, interpretativo e opinativo).” (BACCIN, 2016, p.91). Pela reportagem ser tão íntegra, conforme Guirado (2014), ela possui alguns tipos específicos, como: perfil, drama social ou cobertura de grandes eventos/acontecimentos.

Na reportagem multimídia Campeiras, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, o foco está em apresentar perfis de mulheres inseridas em competições campeiras. Portanto, é imprescindível notabilizar o conceito e o que se pretende com tais perfis. Em conformidade com Vilas Boas (2003, p.13), “[...] os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa [...]”, pode ser uma narrativa curta, na extensão do texto e na validação de informações e interpretações trazidas. A empatia é a particularidade mais perceptível em perfis e é através dela que é demonstrado a preocupação com o personagem, o se colocar no lugar perante circunstâncias e experiências do entrevistado. “Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor.” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

A REPORTAGEM NA WEB

Conforme Suzana Barbosa (2012), nos anos 90 o meio digital passou a ser uma matriz predominante, expandindo vigorosamente as conexões em rede, “dos computadores, do surgimento da web, das melhorias nas infraestruturas de acesso, até a atual fase da ubiquidade das tecnologias e das redes e dispositivos móveis.” (BARBOSA, 2012, p.35).

Já de acordo com Baccin (2016), quando a prática jornalística começou a ser introduzida no meio digital, sua estrutura não trazia novidade alguma. A linguagem narrativa era a mesma do jornal impresso, tanto a escrita quanto a fotográfica. Após várias mudanças nesse âmbito, o jornalismo online ainda se encontra em transformação, “na medida que as organizações midiáticas estão percebendo os potenciais do meio e aproveitando características para criar novas maneiras de contar histórias.” (BACCIN, 2016, p.92).

Mielniczuk (2003) em seu estudo clássico destaca o jornalismo produzido para web em três gerações. A primeira geração do webjornalismo é sinalizada com reproduções de matérias impressas, “[...] o que era chamado então de ‘jornal *online*’, na *web*, não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de alguns editoriais.” (MIELNICZUK, 2003. p.32). Na segunda geração, Mielniczuk aponta o “aperfeiçoamento e desenvolvimento”, mesmo ainda atrelado ao modelo impresso, começa-se perceber tentativas de explorar as características oferecidas pela internet, como: links com chamadas para notícias entre edições, o e-mail como comunicação entre jornalista e leitor e o uso de recursos oferecidos pelo hipertexto. Com a crescente popularização do uso da internet e com iniciativas empresariais e editoriais destinadas para esse suporte, Mielniczuk traz a terceira geração. Nela, já são figurados sites jornalísticos e os produtos apresentam recursos multimídia, como som e animações.

Barbosa (2012) amplia os estudos sobre a evolução e as gerações do jornalismo na web, e aponta a base de dados (BDs) como componente primordial no terceiro e quarto estágio e as caracteriza como “[...] elementos estruturantes da atividade jornalística em suas dimensões de pré-produção, produção, disponibilização/circulação, consumo e pós-produção [...]” (BARBOSA, 2012, p.40). Além disso, sinaliza a base de dados como “aspecto-chave na construção de sites jornalísticos”, pois com ela é possível gerar um padrão dinâmico.

Para Barbosa (2012, p.42), a quarta geração tem mais especificidades e melhor exploração de recursos, mediante a isso sua caracterização se dá por: produtos dinâmicos, SGC (sistema de gerenciamento de conteúdos), redação integrada, qualificação, agilidade, informação estruturada, narrativa dinâmica, cibermeios mais autênticos, nova metáfora, produção multiplataforma, smartphones e tablets. Dentre isso, assinala a configuração de um modelo próprio dentro da web, o Paradigma Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD).

Através do Paradigma JDBD, a autora adicionou a quinta geração de desenvolvimento no jornalismo para as mídias digitais. Nessa evolução os elementos indicados por Barbosa (2012, p.42), são de: medialidade, horizontalidade, *continuum* multimídia, mídias móveis, aplicativos e produtos autóctones. Neste contexto, ela traz as mídias móveis, especialmente smartphones e tablets, como “novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas.” (BARBOSA, 2012, p.42).

Junto com o jornalismo produzido para web, surge a grande reportagem multimídia, esta, é vista por Raquel Longhi (2014) como o lugar que mais tem explorado as possibilidades de convergência de linguagens do meio digital. Apesar da reportagem multimídia ainda carregar características da grande reportagem do impresso, porém renovadas no ambiente digital. Longhi classifica os graus de evolução da multimídia, começando pela “Fase Zero”, onde não há uso de conteúdos multimídia, até a “Fase Três”, na qual se dá a consolidação da grande reportagem multimídia.

Ainda, a autora salienta que esse tipo de reportagem é definida por técnicas como: “[...] o *parallax scrolling*⁷, ambientes e ferramentas como o HTML5⁸, CSS⁹, narrativas imersivas e texto *long form*, dentre outras características inovadoras de *design* e navegação.” (LONGHI, 2014, p. 908). O texto *long form* foi a forma usada para o desdobramento deste projeto, devido a sua amplitude e por suas possibilidades. Ele é acentuado por Longhi como o que mais tem ganhado espaço no jornalismo, juntamente com a reportagem multimídia:

Não apenas no aspecto técnico, também se verifica uma renovação na narrativa jornalística no ambiente digital, especialmente no que se diz respeito à aposta dos grandes portais e jornais, no que tem sido chamado de jornalismo *long form*, matérias de mais de quatro mil palavras, ou grandes reportagens com entre 10 e 20 mil palavras. (LONGHI, 2014, p.911).

Com base nos estudos de Longhi (2014), optou-se, no desenvolvimento da reportagem multimídia Campeiras, pela adoção do texto *long form*. Deste modo, a produção que será apresentada na próxima seção deste trabalho conta com pouco mais de 6.300 palavras.

A PRODUÇÃO DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA CAMPEIRAS

A definição do tema desta pesquisa teve início na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, cursada no primeiro semestre de 2020, a partir do interesse pela cultura gaúcha e

⁷ Significa rolagem paralela. É uma técnica usada em computação gráfica que permite que as imagens do plano de fundo se movam mais lentamente que as em primeiro plano. Cria ilusão de profundidade em cena 2D e sensação de imersão no virtual.

⁸ Do inglês HyperText Markup Language (Linguagem de Marcação de Hipertexto). Ele é quem define o que é texto, o que é coluna, o que é imagem. Estrutura a página com início, meio e fim.

⁹ Do inglês Cascading Style Sheets (Folha de Estilo em Cascata). É um mecanismo usado para adicionar estilo, cores, fontes, espaçamento, entre outros a um documento web. Ele proporciona atratividade à criação.

* Disponível em: <http://apexensino.com.br/html-css-e-javascript-entendendo-melhor-base-da-programacao-front-end/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

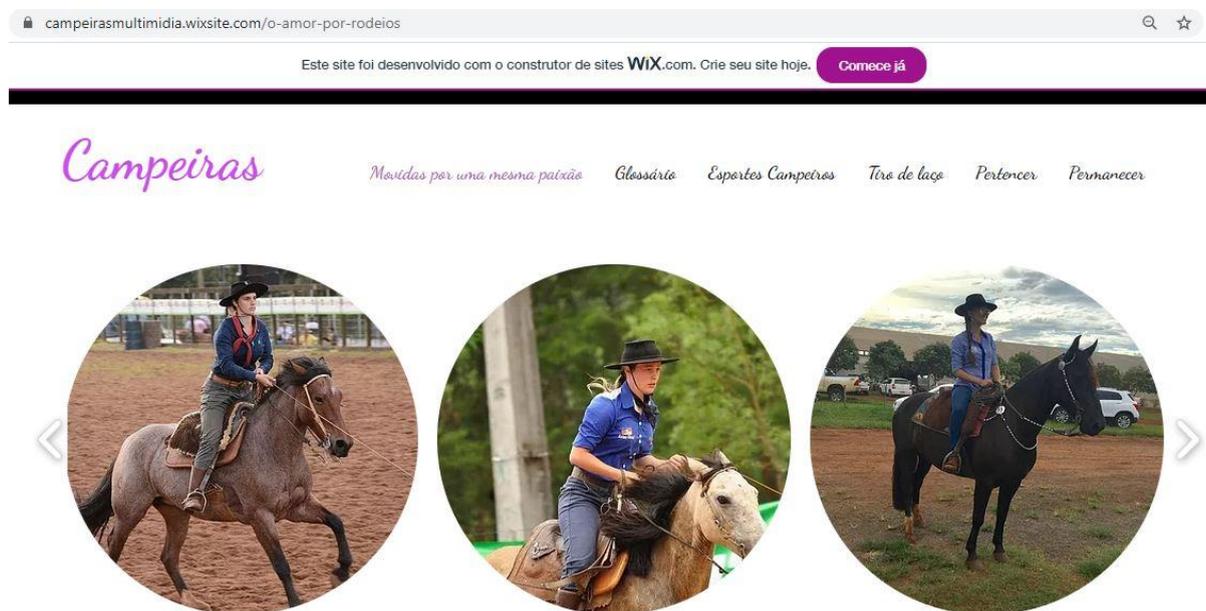
sua parte campeira. Diante deste contexto, utilizou o método da Pesquisa Aplicada para apresentar a história de oito personalidades femininas que estão inseridas no meio cultural, mais precisamente em uma atividade campeira, o tiro de laço. Com intuito de dar dimensão à pesquisa, foram selecionadas meninas/mulheres de três regiões do Brasil: Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e além de contar suas histórias, o trabalho também traz uma breve contextualização da cultura, apresenta todos os esportes campeiros reconhecidos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e dá maior enfoque ao tiro de laço e sua expansão.

Com a participação das personagens buscou-se mostrar preconceitos vividos, barreiras quebradas e espaços conquistados dentro da prática do laço comprido. Além das personagens Amanda Rossa, as irmãs Amanda e Fernanda Vaz, Andreza Farrapo, Ediane Michels, Laura Fortuna, Mariana Ciocari e Micheli Romais, a reportagem multimídia contou com fontes especializadas como forma de aprofundar informações relacionadas ao contexto histórico e cultural que engloba a pauta. Para isso foram realizadas entrevistas com pesquisadores da cultura e conhecedores da sua evolução e as fontes selecionadas foram: Adriano Pacheco, vice-presidente da Diretoria Campeira do MTG/RS; Arlene Anélia Renk, professora e doutora em Antropologia e Guilherme Howes Neto, pesquisador da cultura gaúcha e doutor em Educação.

Todas as fontes da reportagem multimídia, fontes principais e fontes especializadas, que somam 11 pessoas, foram mapeadas através de pesquisas na internet ou indicações de pesquisadores. Já as fotos e vídeos das oito personagens principais da narrativa são de arquivos pessoais e os áudios foram retirados das entrevistas online realizadas durante o mês de agosto de 2020 via *Google Meet*. As fotos das fontes especializadas também são de arquivos pessoais e os vídeos e áudios oriundos das entrevistas que foram realizadas. Já o vídeo que encerra a reportagem multimídia foi uma produção da autora, em parceria com o Laboratório de TV e Cinema da Unochapecó. A hospedagem da reportagem multimídia Campeiras¹⁰ (Figura 1) foi feita através do Wix, plataforma com layouts prontos, que possibilitou a criação e edição do conteúdo publicado pela própria autora da reportagem multimídia.

¹⁰ Disponível em: <https://campeirasmultimidia.wixsite.com/o-amor-por-rodeios>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Figura 1 - Página inicial da reportagem multimídia Campeiras.



Fonte: As autoras.

O site conta com os seguintes conteúdos: menu inicial denominado “Movidas por uma mesma paixão”. Esta aba do site apresenta a pauta da reportagem multimídia e cada uma das personagens - Amanda Rossa, Amanda Vaz, Andreza Farrapo, Ediane Michels, Fernanda Vaz, Laura Fortuna, Mariana Cioccarri e Michely Romais. São utilizadas fotos do arquivo pessoal das personagens em momentos de competição e treinos acompanhadas dos seus cavalos, fiéis companheiros.

Na segunda aba está o “Glossário” criado para situar o leitor em relação aos termos que são mais usados no vocabulário gaúcho e por praticantes dos esportes campeiros. Na sequência está a aba “Esportes Campeiros”, espaço que aborda a fundação do MTG e todas as provas campeiras por ele regulamentadas - Gineteada, Prova de rédeas, Chasque, Vaca parada e Tiro de laço -, também são apresentados desenhos criados pelo profissional contratado da área do design, Alex Roberto de Araújo, e que auxiliam na compreensão do funcionamento de cada atividade esportiva.

A quarta aba, que tem como título “Tiro de laço: do campo para a cidade”, consiste na apresentação aprofundada do esporte praticado pelas oito personagens, o tiro de laço. Para tanto, trata-se dos aspectos históricos desta prática, as mudanças, evoluções e expansão da

atividade, a partir de entrevistas realizadas com fontes especializadas neste assunto, Adriano Pacheco, Arlene Renk e Guilherme Howes Neto.

A próxima aba “Pertencer: o amor transmitido por laços” foi criada para apresentar as histórias de cada uma das personagens centrais da reportagem multimídia com destaque para a sua inserção no campeirismo. Utiliza-se neste momento recursos de texto e vídeo para contar as histórias das mulheres campeiras. A sexta aba do site “Permanecer: os desafios até ter a presença reconhecida” é destinada para explicar preconceitos e experiências, negativas ou positivas, vividas pelas personagens.

Além de texto, também são utilizados áudios das fontes nas entrevistas realizadas com o objetivo de que elas próprias pudessem contar as experiências e situações vividas no mundo dos rodeios crioulos e na prática do tiro de laço. Por fim, o encerramento desta seção, bem como da reportagem multimídia, ocorre com a apresentação de um vídeo que une depoimentos das personagens que lutam pelo seu espaço e pretendem seguir firmes, laçando e amando o esporte. O encerramento do trabalho visa ressaltar que as mulheres campeiras são dotadas de garra, determinação e amor pela cultura e o tradicionalismo campeiro.

Em relação às cores e fontes adotadas na reportagem multimídia, a cor lilás foi definida para ser utilizada no título principal, assim como nos títulos dos menus que direcionam para os capítulos da narrativa. De acordo com Giannotti (2009), o lilás surgiu com o propósito de representatividade da figura feminina, junto com outras duas cores: o verde e o branco. Elas foram adotadas na luta mundial das mulheres por igualdade de direitos, em 1908, que segundo Giannotti (2009), a feminista Sylvia Pankrust relatou a adoção das cores pelas sufragistas inglesas, que reivindicavam o direito ao voto feminino na ocasião. Após alguns anos, meados da década de 70, Giannotti (2009) expõe que mulheres socialistas reafirmaram a origem do 8 de março e muitas delas assumiram o lilás como cor específica da luta feminina.

A fonte usada em todos os títulos e no menu foi selecionada pelo design mais delicado e criativo. Já definir a fonte de texto foi uma tarefa complexa, pois por se tratar de uma produção longa, algumas fontes acabavam sendo cansativas para a leitura. Então, após algumas trocas chegou-se a aquela que, na avaliação das autoras, deixou o texto em harmonia, agradável tanto para ler quanto para o design geral da reportagem multimídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a produção da reportagem multimídia Campeiras pode-se perceber que discriminações em relação à presença da mulher no campeirismo ainda acontecem, no entanto, há diferenças em cada região do país. A partir de relatos das próprias personagens, na região Sul, apesar de conhecida como muito conservadora, a prática feminina do laço comprido é vista com “melhores olhos”. Não que não sejam registrados episódios machistas, mas, de acordo com as fontes entrevistadas, gaúchos, catarinenses e paranaenses têm tido uma melhor aceitação quanto à presença feminina no campeirismo.

Nas outras duas regiões há uma nítida assiduidade da marginalização sobre as mulheres. No Sudeste, nota-se a falta de empatia testemunhada por Amanda, Andreza e Fernanda, frequentadoras de rodeios da localidade, que explanam o mau uso da regulamentação dos esportes, onde é exigido o uso de armadura de oito metros para as prendas. No Centro-Oeste, a apartação é exposta por falta de incentivo às mulheres para início da prática, já que são poucas as laçadoras participantes de eventos, especialmente, no estado de Goiás.

Diante disto, destaca-se que o objetivo geral, que foi a produção multimídia com abordagem direcionada às mulheres e sua inserção na competição campeira das três regiões (Sul, Sudeste e Centro-Oeste) foi atingido. Conseguiu-se a abrangência dentro do laço comprido, o que resulta em algo importante já que a prática aparentava ser ainda muito sulista e, com o trabalho pode-se notar que ela tem se tornado parte da rotina e sido predominante em outros locais do país.

Ainda que haja problemas e tenha sido tardia a inserção do gênero feminino no tiro de laço, - em comparação ao tempo que os homens praticam a atividade - com essa produção jornalística constatou-se o aumento da participação de mulheres em rodeios e o empenho para preencher lacunas. Elas têm sido reconhecidas e aos poucos, têm quebrado preconceitos e ganhado respeito dentro das competições. Além da grande conquista de ter um duelo destinado somente à elas, coisa que não acontece com o sexo masculino, já que só existem os rodeios livres, no qual as prendas também conseguem participar. À vista disso, reconhece-se a luta feminina e o êxito nela.

Para tanto, esta pesquisa foi crucial para a evolução acadêmica e profissional da estudante na fase de conclusão de curso. Uma vez que foi possível melhor compreensão do

planejamento de grandes reportagens, que possuem muitas fontes e informações a serem expostas. Além do exercício do texto, em especial o texto humanizado que prima pelo cuidado e minuciosidade na escrita, algo que não foi costumeiro nos textos jornalísticos elaborados ao longo dos quatro anos de graduação. Por conseguinte, este trabalho trouxe relevante progresso para formação profissional ao possibilitar desenvolvimento de uma visão diferente, mais exata e direcionada aos objetivos da produção de conteúdos jornalísticos.

Vale destacar que, com a pandemia da Covid-19, o trabalho se tornou mais complicado, tanto pelas entrevistas que tiveram de ser, em maioria, virtuais e também pela limitação em relação ao ensino, uma vez que houveram dificuldades para o acesso à obras físicas que poderiam ter auxiliado no desenvolvido do embasamento teórico da pesquisa. Além das orientações e aulas remotas que apesar de terem funcionado, acredita-se que de forma presencial teria ocorrido uma vivência mais intensa e proveitosa do processo de construção do Trabalho de Conclusão do Curso. Porém, mesmo diante de todas as preocupações sobre como a pandemia poderia comprometer a realização do trabalho, foram muitos os aprendizados sobre as potencialidades que a web e os recursos multimídia possibilitam para o desenvolvimento da prática jornalística e da construção de narrativas jornalísticas capazes de ofertar ao público em um único produto diferentes experiências de consumo jornalístico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andrei. Grupo de mulheres assume a patronagem do CTG Rodeio Serrano em São Francisco de Paula. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/06/grupo-de-mulheres-assume-a-patronagem-do-ctg-rodeio-serrano-em-sao-francisco-de-paula-9806896.html>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BACCIN, A. **A narrativa longform em reportagens multimídia**. 2017. Doutora (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo das redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org.). **Notícias e mobilidade: Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Labcom, 2013.

CÔRTEZ, J. C. P. **Tradicionalismo Gauchesco** - Nascer; Causas & Momentos. Caxias do Sul: Lorigraf, 2001.

DUTRA, C. P. **A prenda no imaginário tradicionalista**. 2002. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/tese/prenda.pdf>. Acesso: 20 mar. 2020.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo** - Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 5ª ed. 1991.

GIANNOTTI, V. 8 de março: por que usa-se o lilás no Dia Internacional das Mulheres? **CNM CUT**, 2009. Disponível em: <https://www.cnmcut.org.br/conteudo/8-de-marco-por-que-usa-se-o-lilas-no-dia-internacional-das-mulheres>. Acesso em: 05 nov. 2020.

GUIRADO, M. C. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

KONFLANZ, C. **A Moderna Tradição Gaúcha: Um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4715/1/448318.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2020.

LAGE, N. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LONGHI, R. R. **O turning point da grande reportagem multimídia**. Porto Alegre: Famecos, 2014. v. 21, n.3, p. 897-917.

MANICA, T. C. **Anita Garibaldi, persona/personagem, mulher-heroína: estudo sobre sua representação nas obras de Rau, Zumblick, Garibaldi e Markun**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2012. Disponível em: https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/4622/104842_Tatiana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 jun. 2020.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2002. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MTG-RS. **História do MTG**. Disponível em: https://www.mtgrs.ubtg.com.br/documentos/17/20190831011540_6972.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

MTG-RS. **Regulamento geral**. 81ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, 2015. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/02%20REGULAMENTO%20GERAL%20-%202015-1.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2020.

MTG-RS. **Regulamento campeiro**. 81ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, 2015. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/CAMPEIRA/REGULAMENTO%20CAMPEIRO%20-%202015.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2020.

MTG-RS, MINISTÉRIO PÚBLICO. **Cartilha com orientações e boas práticas para a realização de rodeios crioulos**. 2ª ed. 2016. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/Cartilha%20Orienta%C3%A7%C3%B5es%20Realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Rodeios%20Crioulos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

NETO, Guilherme H. **O tradicionalismo e sua ascensão.** [Entrevista cedida a] Deise Vanessa Agnoletto. Google Meet, 27 ago. 2020.

PACHECO, Adriano. **A mulher no tiro de laço.** [Entrevista cedida a] Deise Vanessa Agnoletto. Google Meet, 10 out. 2020.

SILVA, A. T. **O movimento tradicionalista gaúcho:** reflexões sobre a cultura e identidade no Rio Grande do Sul (1948-1980). 2008. Monografia de Especialização (Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16452/TCCE_HB_2008_SILVA_ADRIANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 abr. 2020.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2ª ed. 2003.